

### III

## AS MARCAS LINGÜÍSTICAS DA ARGUMENTAÇÃO

Dentre as relações que se estabelecem entre o texto e o evento que constitui a sua enunciação, podem-se destacar as seguintes:

1) as **pressuposições**; 2) as **intenções** explícitas ou veladas do locutor; 3) os modalizadores que revelam sua **atitude** perante o enunciado que produz (através de certos advérbios, dos tempos e modos verbais, de expressões do tipo: "é claro", "é provável", "é certo", etc.); 4) os **operadores argumentativos**, responsáveis pelo encadeamento dos enunciados, estruturando-os em textos e determinando a sua orientação discursiva; 5) as **imagens recíprocas** que se estabelecem entre os interlocutores e as **máscaras** por eles assumidas no jogo de representações ou, como diz Carlos Vogt, nas pequenas cenas dramáticas que constituem os atos de fala.

Todos os elementos citados inscrevem-se no discurso através de marcas lingüísticas, fazendo com que ele se apresente como um verdadeiro "retrato" de sua enunciação.

Passar-se-á, a seguir, ao exame de cada uma dessas marcas, utilizando-se, para tanto, comunicações apresentadas em Congressos ou Seminários (SBPC, GEL, etc.) e artigos que constítuem versões resumidas de capítulos de nossa tese de doutorado: **Aspectos da Argumentação em Língua Portuguesa** (PUC-SP, 1981).

#### 1. OS TEMPOS VERBAIS NO DISCURSO

O objetivo deste trabalho é analisar a proposta apresentada por H. Weinrich, em sua obra **Tempus**, quanto à função dos tempos verbais no discurso e verificar sua adequação relativamente ao português.

Estudando os tempos verbais do francês, o autor constata que: a) **as marcas do tempo são altamente redundantes nos**

enunciados da língua; b) existem leis de concordância dos tempos dentro do período ("consecutio temporum"); c) os tempos não têm vinculação com o Tempo ("Cronos"); d) distribuem-se em dois grupos ou sistemas temporais, com empregos distintos e que não se combinam, normalmente, no mesmo período.

**Grupo I:** canto, tenho cantado, cantarei, terei cantado, vou cantar, acabo de cantar, estou cantando, etc.

**Grupo II:** cantei, cantava, tinha cantado, cantaria, teria cantado, ia cantar, acabava de cantar, estava cantando, etc.

Analisando textos de várias situações comunicativas e também estatísticas feitas por outros autores para o francês, o espanhol e o alemão, Weinrich chega à conclusão de que, do mesmo modo que os tempos verbais, as situações comunicativas se repartem claramente em dois grupos, em cada um dos quais predomina um dos grupos temporais. Estabelece, então, sua distinção entre o mundo comentado e o mundo narrado. É graças aos tempos verbais que emprega que o falante apresenta o mundo — "mundo" entendido como possível conteúdo de uma comunicação lingüística — e o ouvinte o entende, ou como mundo comentado ou como mundo narrado. Ao mundo narrado, pertencem todos os tipos de relato, literários ou não; tratando-se de eventos relativamente distantes, que, ao passarem pelo filtro do relato, perdem muito de sua força, permite-se aos interlocutores uma atitude mais "relaxada". Ao mundo comentado pertencem a lírica, o drama, o ensaio, o diálogo, o comentário, enfim, por via negativa, todas as situações comunicativas que não consistam, apenas, em relatos, e que apresentem como característica a atitude tensa: nelas o falante está em tensão constante e o discurso é dramático, pois se trata de coisas que o afetam diretamente. "O falante está comprometido: tem de mover e tem de reagir e seu discurso é um fragmento de ação que modifica o mundo em um ápice e que, por sua vez, empenha o falante também em um ápice" (...). **Comentar é falar comprometidamente** (p. 69, grifo nosso). O emprego dos tempos "comentadores" (grupo I) constitui um sinal de alerta para advertir o ouvinte de que se trata de algo que o afeta diretamente e de que o discurso exige a sua resposta (falada ou não falada); é esta a sua função, e não a de mencionar um momento no Tempo. Daí a obstinação que a linguagem põe no uso dos tempos.

Sempre que o falante emprega os tempos do Grupo II, assume o papel de narrador, convidando o destinatário a converter-se em simples ouvinte, com o que toda a situação co-

municativa se desloca para outro plano, isto é, a outro plano de consciência, situado além da temporalidade do mundo comentado, que deixa de ter validade enquanto durar o relato. É por esta razão que os advérbios de tempo, do mesmo modo que os tempos verbais, também se ordenam em dois grupos, necessitando ser "traduzidos" quando se passa de um para outro. Por exemplo: **agora, hoje, ontem, passam a então, nesse dia, na véspera** etc. Trata-se de duas ordens temporais qualitativamente diferentes: o tempo do mundo narrado e o tempo do mundo comentado, a que se pode denominar, com Heidegger, de temporalidade.

Deste modo, explicam-se vários fenômenos lingüísticos, como as alterações que ocorrem na passagem — "tradução" — do discurso direto ao indireto, e mesmo o fenômeno estilístico do discurso indireto livre (quando se deixa de fazê-la).

O mesmo ocorre em relação à concordância dos tempos no período, encontrada nos mais diversos idiomas: se, em princípio, é possível passar do comentar ao narrar, ou vice-versa, não se deve pôr em perigo a compreensão, fazendo esta passagem num ritmo excessivamente rápido: desse fato decorre a exigência do emprego dos tempos do mesmo grupo como limitação combinatória dentro de uma oração complexa, sendo a mudança permitida, apenas, além da fronteira da oração. Obtém-se, assim, uma nova definição de frase: "unidade lingüística que, segundo a atitude comunicativa, isto é, de acordo com a distinção fundamental entre o mundo comentado e o mundo narrado, mantém-se unitária".

Passando em revista algumas das principais formas verbais, o autor procura demonstrar que não exprimem Tempo, mas, sim, caracterizam a situação comunicativa como relato ou como comentário. Mostra, por exemplo, que na gramática de M. Grevisse, "Le Bon Usage", no capítulo destinado ao presente, diz-se, em primeiro lugar, que este designa o tempo presente; depois, que designa um hábito; a seguir, que exprime ações atemporais; e, finalmente, que pode expressar coisas passadas e futuras. Ora, diz Weinrich, esta é a melhor demonstração de que a forma verbal **presente** nada tem a ver com o Tempo: ele constitui, justamente, o tempo principal do mundo comentado, designando uma atitude comunicativa de engajamento, de compromisso.

Assim, embora normalmente se conte uma história no pretérito (imperfeito ou perfeito simples), no seu resumo empregar-se-á o presente (acompanhado ou não de outros tempos do Grupo I). Por quê? Porque o resumo de uma novela, de um

conto, de um filme, serve de base, habitualmente, para se fazer a crítica — isto é, comentar a obra ou para facilitar a outros essa tarefa.

O contexto mais amplo, portanto, identifica o resumo como parte de uma situação comentadora, fazendo com que os tempos do mundo comentado se conservem no argumento resumido. É por esta razão, também, que as manchetes de jornal apresentam geralmente o verbo no presente (ou, então, elidido): é a partir delas que se fará o comentário. É através delas que se solicita a atenção do leitor. É por isso, ainda, que, em descrições incorporadas a um relato, tem-se o verbo no imperfeito, ao passo que, em trechos descritivos dentro do comentário, o verbo apresenta-se no presente. Assim sendo, não é indiferente o emprego do **presente** ou do **pretérito imperfeito** nas descrições, como, por vezes, o fazem crer alguns de nossos manuais; o uso de um ou de outro depende da situação comunicativa tomada em conjunto.

Quando o falante emprega os tempo do mundo narrado (grupo II) o ouvinte sabe que deve receber a informação como relato, mas nada existe que o obrigue a relacioná-lo obrigatoriamente com o tempo passado: o mundo narrado é indiferente ao Tempo cronológico, podendo estar ligado ao passado, por meio, por exemplo, de uma data, ou então, ao presente ou ao futuro, por meio de outros dados. Citem-se, a título de exemplo, os romances de ficção científica. Enquanto o **presente** constitui o **tempo zero** (sem perspectivas) do mundo comentado, o **imperfeito** e o **perfeito simples** constituem ambos os **tempos zero** do mundo narrado. São justamente os tempos zero que mais se utilizam, o que demonstra a falta de interesse por uma orientação baseada em perspectivas. Os demais tempos de cada grupo são, por sua vez, tempos de prospecção ou de retrospecção em relação ao tempo zero. Designam a perspectiva comunicativa relativamente ao ponto zero dos grupos temporais correspondentes. São as perspectivas retrospectiva e prospectiva, com seus matizes. Somente aqui, reconhece o autor, no conceito de perspectiva comunicativa, encontra-se algo relacionado com o Tempo:

"Não creio que os tempos — na perspectiva comunicativa — sejam formas mais temporais (de Tempo) que em suas outras características. Ao dizer que os tempos da linguagem nada têm a ver com o Tempo, isto não quer significar que os tempos neguem o fenômeno extralingüístico do Tempo, e inclusive o próprio discurso é um desses processos. Esse tempo físico, mensurável, já está pressuposto na linguagem ao mesmo tempo que o mundo real. É coisa

que não tem nada de particular; afinal, a palavra "hora" também pressupõe Tempo. Da mesma maneira, também as perspectivas de retrospecção e de prospecção, em alguns tempos, pressupõem Tempo" (p. 99).

Quando, em inobservância à concordância dos tempos, se introduz um ou mais tempos do mundo narrado no mundo comentado (ou vice-versa), tem-se o que o autor chama de **metáfora temporal**. Assim, por exemplo, o uso do imperfeito, do passado simples, do condicional etc., em situações comentadoras, exprime um matiz de validade limitada, trazendo ao contexto comentador o que é peculiar ao mundo narrado, como relaxamento, falta de compromisso. Limita-se, assim, a validade do discurso, pela introdução de matizes que podem exprimir cortesia, timidez, hipótese, incerteza, irreabilidade etc. Já os tempos do mundo comentado levam consigo algo de sua tensão, compromisso e seriedade, dilatando a validade do relato ou insistindo sobre ela. É o que acontece quando, numa narrativa, se usa o presente histórico, por exemplo. Isto é: comenta-se **como se se narrasse** ou narra-se **como se se comentasse**.

O sistema metafórico temporal é domínio do matiz. Ex.: O ministro estaria preparando um comunicado à imprensa (= parece que) — notícia não confirmada, limitação da validade. O falante não se responsabiliza pela exatidão da notícia.

Weinrich não aceita, também, a doutrina do aspecto verbal, atacando a debilidade de seus fundamentos e considerando o que se costuma denominar de "aspecto" incluído nos tempos verbais próprios de cada situação: tempo verbal deve ser entendido como "comportamento do falante articulado nos dois grupos temporais do mundo comentado e do narrado". A diferenciação entre imperfeito e passado simples, por exemplo, se estabelece com base na noção de relevo narrativo: o passado simples é, no relato, o tempo do primeiro plano, constituindo o imperfeito o tempo do segundo plano. Enquanto o perfeito marca todas as unidades de ação da narrativa, o imperfeito fornece o pano de fundo, aparecendo, também, com freqüência, na introdução e na conclusão.

Nota que o imperfeito foi ganhando terreno na época do realismo, justamente quando o pano de fundo da narrativa apresentava maior importância que o próprio desenvolvimento da trama.

Quanto aos "modos" subjuntivo e imperativo, e ao infinitivo, gerúndio e particípio, considera-os semitempos: são formas verbais de espécies diferentes, mas, de modo algum,

formas verbais em sua totalidade, já que se mostram indiferentes à distinção entre mundo comentado e mundo narrado. Podem, porém, fixar a perspectiva ou estabelecer o relevo, e apresentam-se, na maioria dos casos, ligados a um tempo pleno, que lhes determina a situação comunicativa.

Em síntese: nas línguas estudadas, existem três dimensões do sistema temporal, ligadas à situação comunicativa:

- a) atitude comunicativa { narrativa  
comentadora
- b) perspectiva comunicativa { tempos de grau 0 — sem perspectiva  
tempos com perspectiva { prospecção  
retrospecção
- c) relevo { 1º plano } Só aparece em alguns setores do sistema temporal.  
2º plano }

A fórmula estrutural do verbo completo seria, pois:

L — Pn A Pe R

L designa a informação semântica propriamente dita, ou seja, o lexema, separada da informação "sintática" por um hífen, pois esta é de outra espécie: sedimenta a significação do verbo na situação comunicativa.

Pn representa a informação sobre a pessoa;  
A, a informação sobre a atitude comunicativa;  
Pe, a informação sobre a perspectiva; e  
R, a informação sobre o relevo.

Toda enunciação lingüística que contém uma forma verbal conjugada segundo a fórmula estrutural completa constitui uma oração — e é, por si só, uma oração, justamente porque a forma empregada do verbo nos traz a informação sobre os conceitos de pessoa e tempo, o que garante a significação de um lexema em uma situação comunicativa concreta,

"aquela situação em que tem lugar a comunicação, em que convergem mundo e linguagem" (p. 358). Assim, "oração é um verbo em clara situação comunicativa" (p. 360).

Os semitempos não oferecem informação completa sobre pessoa e tempo, não tendo, portanto, categoria oracional. Com particular freqüência, deixam de lado a informação sobre a atitude comunicativa e o relevo. Isto resulta do princípio econômico geral que se encontra na base de toda e qualquer comunicação: há situações comunicativas em que a informação mais pobre é suficiente. Ora, os semitempos não se apresentam isolados, mas ligados a formas completas, de modo que continua válida a informação do verbo oracional que as precede ou, então, é fornecida pela do verbo oracional seguinte. Portanto, os semitempos acham-se em dependência de outras fontes ligadas ao contexto lingüístico para completar sua informação.

Weinrich chama a todas informações trazidas pela forma verbal, com exceção do lexema, de informações sintáticas. E escreve:

"não se pode deixar de ter presente que a situação comunicativa é a medida de todo o sintático. E, assim, a sintaxe pode ser definida como a parte da ciência da linguagem que estuda o enlace (direto ou indireto) da significação com a situação comunicativa" (p. 363).

Note-se a diferença entre esta conceituação de sintaxe e a que estamos acostumados a encontrar em gramáticas e obras lingüísticas. Poderíamos denominá-la, adotando a terminologia de Vogt (1980), de "macrossintaxe do discurso".

À luz dessa teoria, procedeu-se à análise de textos de tipos variados em língua portuguesa, verificando que ela se mostra válida também para o português. O maior problema encontrado foi o do pretérito perfeito simples, que apresenta elevado índice de incidência tanto no relato como no comentário. Isto não ocorre, por exemplo, no francês, em que o "passé simple" se encontra praticamente restrito à língua escrita e à 3ª pessoa, sendo substituído, na língua oral, pelo "passé composé" (cf. a distinção de Benveniste (1966) entre "discurso" e "história"). O nosso perfeito composto, por sua vez, é de uso bem mais restrito, parecendo limitar-se realmente ao mundo comentado. Somos de opinião que, quando a co-ocorrência do perfeito simples com tempos do mundo comentado não se dá dentro de um mesmo período, é possível considerar tais empregos como momentos narrativos dentro do comentário: introduz-se um relato para servir de base a um comentário posterior, ou faz-se o comentário, acrescentando-se, a seguir, um argumento ou uma exemplificação em forma de relato. Todavia, nos casos em que o perfeito simples

co-ocorre com tempos do comentário dentro de um mesmo período, fato bastante freqüente em português, postulamos, com base na posição de Bull (1960) a respeito da forma espanhola "cantó", a existência de uma neutralização entre a forma que constitui, em nossa língua, o tempo zero do mundo narrado e a forma que representa a perspectiva retrospectiva em relação ao tempo zero do mundo comentado.

Examinemos, a título de exemplificação, alguns textos extraídos de periódicos da capital de São Paulo:

#### 1 — ACIMA DOS PARTIDOS

Quem se detiver na análise do discurso pronunciado ontem pelo ministro da Marinha, pelas comemorações do Dia do Soldado, encontrará cuidadosamente expressa uma tese profunda, que a pessoas de sua intimidade o almirante Maximiano da Fonseca **tem desenvolvido** em mais pormenores. Quando ele se refere à importância do processo eleitoral, disputado pelas diferentes facções que **aspiram** ao poder, afirma ser "perfeitamente normal e democrático que existam opiniões divergentes, conseqüentes do interesse político de cada uma". Pouco depois, **acentua** ser essa luta inerente à história das nações, benéfica, e **estabelece** a ressalva: desde que nela não **intervenham** a violência, a corrupção e as explorações demagógicas, inadmissíveis numa verdadeira.

De tudo, **compreende-se**: o ministro da Marinha **sustenta** que os militares **devem permanecer** como guardiões de valores como a segurança e a probidade, **mas não precisam engajar-se** na vitória deste ou daquele partido, ou **considerar-se derrotados** diante deste ou daquele resultado eleitoral. Em outras palavras, se o PDS **perder, tiver** diminuídas suas bancadas ou **deixar** determinados governos estaduais, pouco **importa**. Outras facções, ou partidos, que **assumam** o poder, e o exercitem, pois isso **faz bem** à Nação. Desde que subversão e corrupção não **vinguem** e **possam ser** debeladas e impedidas dos partidos, e dentro de sua missão constitucional (Estado de São Paulo).

#### 2 — O RACIONAMENTO

Só um golpe de sorte **conseguirá fazer** com que o Brasil **escape** do racionamento de combustíveis. É primário, qualquer criança **sabe** que nossos estoques **são** obviamente finitos e a guerra entre Irã e Iraque **indica** escassez mundial de petróleo. Ante esse quadro, **chega** a ser ridículo o esforço contorcionista que **leva** as autoridades brasileiras a reiteradamente afirmar que não **haverá** racionamento (como se a população **fosse** formada por débeis mentais). Já é tempo de falar claro e mostrar os perigos e dificuldades que nos **cercam**. E acreditar que o povo brasileiro é capaz de, através de mobilização inteligente, enfrentar a situação (Folha de São Paulo).

#### 3 — ASSIM É A VIDA

São Paulo **vai entrando** naqueles dias que **prenciam** um inverno rigoroso: hoje **faz** muito calor, amanhã **fará** frio, depois novamente calor, numa alternância propícia à gripe que **dobra** as resistências e **abate** os ânimos. **Trata-se** de meia-estação, menos pelas temperaturas amenas (que propriamente **não temos**) do que pela média imaginária entre muito calor e muito frio.

E as pessoas **seguem** o clima: amigos tornam-se meio-amigos; inimigos, meio-inimigos: **abrem-se** parênteses nos projetos e as expectativas são suspensas. **Espera-se** a recessão, **receia-se** o desemprego e entre o desespero e a esperança é que se **vai levando**. Há quem **aguarde** os dias mais negros da crise, e há quem **aguarde** a volta do Sr. Jânio Quadros — o que no fundo é a mesma coisa. Nos braços de ambos **chegará** o inverno. Tudo **passa** (Folha de São Paulo).

4 — **Conciliar** o desenvolvimento com a preservação do meio ambiente, eis o desafio lançado pelo movimento ecológico em todo o mundo há mais de uma década. Desdenhado de início como força retrógrada, a pregação ecologista **ganhou** rapidamente o respeito de governos, cientistas e partidos políticos de todo o mundo. Seu maior aliado: as evidências de que o crescimento econômico, em si, **não reduz** necessariamente as desigualdades e **pode**, ao contrário, **destruir** fontes essenciais da vida como o ar, a água, a terra e as matas.

O vôo cego do homem rumo à barbárie, no entanto, **permanece** ainda inalterado, segundo os ecologistas. Na Amazônia, 60 mil árvores **são derrubadas** por hora; a energia atômica **consome** bilhões de dólares e gera um lixo radioativo incontrolável; a atmosfera terrestre **terá** 25% a mais de gás carbônico até o final do século; para **susentar** o seu modo de vida baseado no desperdício, os países industrializados, com 13% da população mundial, **consumem** 37% das fontes energéticas do planeta e **utilizam** para a sua alimentação 20% das terras do Globo, para além de suas fronteiras.

**Trata-se**, pois, na opinião do ecologista francês Michel Bosquet, de um modo de vida não reproduzível em escala mundial. O que, no seu entender, **impõe** a busca urgente de um caminho alternativo de desenvolvimento.

"Um caminho que **libere** o homem da lógica insana de só **dar** valor àquilo que **tem** preço e cotação de mercado", diz Bosquet (Ângulo).

#### 5 — SEUL PRENDE 6 MIL EM BUSCA DE INCENDIÁRIOS

SEUL — Dez mil policiais **prenderam** cerca de seis mil pessoas numa extensa operação montada depois do incêndio que, na quinta-feira, **destruiu** um andar do prédio da agência norte-americana de informações em Pusan, em atentado que as autoridades **atribuíram** ao dissidente Jung Soon-Chun.

Das 5.739 pessoas presas anteontem em Seul, 3.877 **foram multadas** ou **condenadas** a uma semana de prisão por delitos como desordens, infrações de trânsito e furto, 1.663 **foram liberadas** com advertência e 199 soltas enquanto **continuam** as investigações. A polícia **mobilizou** 10 mil homens para a operação e **intensificou** a vigilância em torno das embaixadas e residências diplomáticas.

O incêndio da agência de informações em Pusan **foi** o primeiro ataque contra uma instalação diplomática dos Estados Unidos na Coreia do Sul.

Segundo o governo, quem planejou o atentado foi Jung Soon-Chun, dissidente de 27 anos, na clandestinidade desde dezembro de 1980, quando foi acusado de tentar incendiar outro prédio da agência de informações, em Kwangiu, palco de uma rebelião reprimida pelo exército.

No incêndio de quinta-feira, um estudante morreu e outros três ficaram feridos. Eles estavam fazendo consultas na biblioteca. Segundo tetesmunhas, duas mulheres espalharam um líquido que parecia gasolina no chão do prédio e um homem que estava com elas acendeu o fogo.

#### 6 — COBRADOR É ROUBADO EM V. PENTEADO

Um desconhecido, que portava um revólver dentro de uma pasta, assaltou, na madrugada de ontem, um ônibus da CMTC, quando o coletivo trafegava pela rua do Bosque, na Vila Penteado. O ladrão chegou perto do cobrador José Maria Mendes, abriu sua pasta e mostrou-lhe a arma, ordenando-lhe que ficasse quieto e lhe desse todo o dinheiro. De posse de 10.875 cruzeiros, o desconhecido desceu do ônibus, mas, antes, agradeceu ao motorista por ter parado no ponto.

Quando o assaltante ia iniciar a fuga, os passageiros começaram a gritar que ele havia assaltado o cobrador. O motorista ainda tentou segui-lo, mas o desconhecido apontou seu revólver para o ônibus deu um tiro, que quase atingiu o cobrador.

O assalto foi registrado no 45º DP.

Os textos 1 a 4 pertencem ao "mundo comentado" de Weinrich. O texto 3 apresenta todos os verbos nos tempos do comentário. No texto 2 há apenas uma exceção, no último período: **ficariam**, que se explica como metáfora temporal de validade limitada, exprimindo hipótese, probabilidade a ser confirmada. O mesmo ocorre, no texto 2, com relação a **fosse**, semitempo que, normalmente, vem precedido de um tempo do relato, mas que, como metáfora temporal, exprime irrealidade. Finalmente, no texto 4, ocorre o perfeito simples **ganhou**, que, como se disse acima, deve ser considerado como forma que representa uma perspectiva retrospectiva em relação ao tempo zero do comentário.

Os textos 5 e 6 constituem relatos, pertencendo, portanto, ao mundo narrado. No texto 5, todos os tempos verbais pertencem ao Grupo II, com exceção de **continuum**, forma que pode ser entendida como um futuro do subjuntivo (continuem), ou como um tempo ativo com valor passivo (enquanto se dá continuidade às investigações). Vale quase como um parênteses — e seria, assim, um comentário.

No texto 6, aparecem exclusivamente os tempos verbais do relato, basicamente os pretéritos perfeito e imperfeito (tempo zero), além de alguns semitempos. Pode-se notar claramente o relevo narrativo:

1º plano	2º plano
O desconhecido assaltou um ônibus	que portava um revólver quando o veículo trafegava
O ladrão chegou perto do cobrador, abriu sua pasta e mostrou-lhe a arma, ordenando-lhe (= e ordenou-lhe) que ficasse quieto e lhe desse o dinheiro.	
O desconhecido desceu do ônibus agradeceu ao motorista...	
Os passageiros começaram a gritar que ele havia assaltado o cobrador O motorista tentou segui-lo O desconhecido apontou seu revolver... deu um tiro, que quase atingiu o cobrador.	quando o assaltante ia iniciar a fuga

Notem-se, ainda, as formas passivas da manchete e do parágrafo final. Segundo Weinrich, no **perfectum** latino da época clássica já está presente a fronteira estrutural entre o mundo comentado e o mundo narrado. Esta fronteira separa o **perfectum** dos verbos depoentes e passivos do **perfectum** dos verbos ativos. O primeiro é tempo comentador, o segundo é narrativo. Ora, sabe-se que o perfeito passivo em latim era forma do verbo **esse** (= ser), no **presente**, seguido do participio passado do verbo principal (por ex., em **deleta est** = foi destruída, **est** = presente).

Os tempos de **inflectum** possuíam formas sintéticas na voz passiva (ex.: **deletur** = é destruído (a)). Em português, como todos os tempos possuem formas passivas analíticas, o **perfeito passivo** é conjugado com o **perfeito** do verbo **ser**, e o **presente passivo** conjuga-se com o **presente** do mesmo verbo. Ora, o período final do texto encontra-se no perfeito do indicativo passivo, ao passo que o título encontra-se no **presente** (possuindo, porém, valor retrospectivo). Esse fato comprova a hipótese de que, nas manchetes, por fazerem parte do mundo comentado, predominam os verbos no **presente**; por vezes, aparecem no futuro; ou, ainda, apresentam-se na forma passiva, muitas vezes com o verbo elidido.

O texto encerra-se, portanto, com um comentário e sua manchete também faz parte do mundo comentado.

A aplicação da teoria dos tempos verbais de Weinrich poderá trazer novas luzes não só à análise e interpretação de textos, como também à própria tipologia dos discursos.

#### Referências Bibliográficas

1. WEINRICH, H. (1964). *Tempus. Besprochene und Erzählte Welt*. Trad. esp. Ed. Gredos, Madri, 1968.
2. VOGT, C. (1980). *Linguagem, Pragmática e Ideologia*. Ed. Hucitec, São Paulo.
3. BENVENISTE, E. (1966). *Problèmes de Linguistique Générale I*. Trad. bras. Ed. Nacional, São Paulo, 1976.
4. BULL, William E. (1960). *Time, Tense and the Verb. A Study in Theoretical and Applied Linguistics, with Particular Attention to Spanish*. University of California Publications on Linguistics, vol. 19, Berkeley.